

As nuances da interpretação: uma análise da terceira dissertação da *Genealogia da Moral*

The nuances of interpretation: one analyses of third dissertation of Genealogy of Moral

Rodrigo Francisco Barbosa*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo caracterizar as *nuances* da noção de “interpretação” na obra de Nietzsche. Para tanto, analisaremos o modo como Nietzsche compreende um “tipo” específico de “interpretação” junto a um de seus textos, considerado mais dissertativo de sua obra: primeiramente, analisaremos as nuances terminológicas da noção de “interpretação” (*Interpretation, Ausdeutung e Auslegung*) e, posteriormente, como *uma* delas é instrumentalizada na terceira dissertação da *Genealogia da Moral* relacionada ao aforismo que a precede. Deste modo, mais do que apontar um aspecto conclusivo acerca deste tema, o intuito deste artigo é lançar determinadas questões que englobam a noção específica de “interpretação” e seu procedimento de execução.

Palavras-chave: Interpretação, nuances, Interpretation, Ausdeutung, Auslegung.

Abstract: The present work aims to characterize the nuances of the notion of "interpretation" in Nietzsche's work. We will analyze how Nietzsche understands a "type" specific "interpretation" with one of his texts, dissertational considered more of his work: first, we analyze the nuances of terminology notion of "interpretation" (Interpretation, and Ausdeutung Auslegung) and later as one of them is instrumental in the third essay of the Genealogy of Morals related to the aphorism that precedes it. Thus, rather than pointing out one aspect conclusive on this subject, the purpose of this article is to certain issues that encompass the specific notion of "interpretation" and its implementation procedure.

Keywords: Interpretation, nuances, Interpretation, Ausdeutung, Auslegung.

* Mestrando em Filosofia pela PUCPR. Curitiba, PR, Brasil. Contato: semcentro@gmail.com

*Nada nos impede de traçar uma linha onde nós
queiramos e onde nos seja conveniente.*

J.L. Austin

Este artigo é dedicado a Orlando José Vieira Francisco
e a amizade dos “homens planta”.

No espólio das obras de Nietzsche encontramos pelo menos três distintos termos para a noção do que em português, *grosso modo*, compreendemos por “interpretação”. Aparecendo tanto em obras publicadas como em apontamentos póstumos, os termos encontram-se espalhados por vários textos e períodos de sua obra. Ao todo temos 198 ocorrências em passagens da obra de Nietzsche em que os três termos (*Interpretation*, *Ausdeutung* e *Auslegung*) e suas variações respectivas à língua alemã, aparecem. Procederemos localizando e identificando as outras duas formas que merecem menção, mas, nos deteremos de forma especial a um termo possivelmente associado a uma noção específica para analisar como ela se encontra (ou não) no aspecto *procedimental* da terceira dissertação da *Genealogia da Moral*. Começemos com os dois outros termos.

O termo numericamente mais presente nas obras de Nietzsche é *Interpretation*. Em todo o espólio aparecem 126 ocorrências respectivas a 96 diferentes textos sendo 9 obras publicadas ou finalizadas por Nietzsche e o restante em apontamentos póstumos. Não examinaremos de modo detalhado estes dois termos em suas nuances e deslocamentos de sentido na obra de Nietzsche. No entanto, o sentido geralmente encontrado nessas aparições de *Interpretation* é uma noção de interpretação em contraposição à pretensão de verdade não apenas científica de conferir algumas “leis da natureza” ao mundo. Neste ponto o aforismo 22 de *Além do bem e do mal* destaca tanto esta contraposição mencionada como uma espécie de autoconsciência de Nietzsche de seu distanciamento a este tipo de “interpretação ingênua” do mundo: “perdoem este velho filólogo, que não resiste à maldade de por o dedo sobre artes de interpretações ruins” (JGB/BM, §22). Se por um lado Nietzsche dá a entender que como “filólogo”, mais especificamente, como um “velho filólogo” ele indica um *distanciamento* de procedimentos, é exatamente sob o âmbito específico do que ele compreende como filologia é que se poderia conceber esse tipo de “interpretação” como uma espécie de

“arte” que, no entanto, estaria intimamente ligada a noção de interpretação, como desdobramento de um argumento, atribuída ao termo *Auslegung*¹, conforme veremos. Além disso, nessas passagens em que Nietzsche utiliza *Interpretation* há uma presença constante de uma crítica ao que ele chama de “arte da interpretação” – ou que poderia ser uma “arte da interpretação” –, ao destacar o aspecto “artificial”, “exagerado”, ou mesmo pretencioso dessas interpretações de mundo principalmente, “a interpretação religiosa do existir” que prevaleceu no Ocidente (JGB/BM, §59). O aspecto interessante dessas ocorrências é que elas se multiplicam ou tem seu aparecimento mais enfático a partir do momento em que se iniciam as primeiras tentativas de definição da noção de “perspectivismo” principalmente no livro V da *Gaia Ciência* datado de 1886. Que reste ainda nessas possibilidades interpretativas “estupidez, tolice de interpretação” *humanas*, como “bem conhecemos” é não apenas uma coisa que Nietzsche reconhece, mas destaca e enfatiza de modo irônico (FW/GC, §374) para demonstrar o “distanciamento”, mencionado acima, do tipo de “interpretação” que ele critica².

O segundo termo é *Ausdeutung* que aparece em 59 menções respectivas a 49 textos sendo 6 de textos de obras publicadas e o restante de apontamentos póstumos. Do ponto de vista do significado da palavra na língua alemã, *Ausdeutung* é tanto “uma habilidade muito crassa de interpretação”³ bem como “a interpretação de uma sentença (num sentido jurídico) na visão de interesse de uma das partes”⁴. Esta segunda dimensão é muito sugestiva para os interesses argumentativos de Nietzsche ao destacar a nuance do âmbito propriamente “moral” das interpretações de mundo. É este o sentido geralmente encontrado associado ao termo *Ausdeutung* na obra de Nietzsche como “interpretação” enquanto tomada de posição numa esfera bem determinada tal como a alusão etimológica ao sentido jurídico sugere. Uma das passagens que melhor ilustra essa posição é o aforismo 22 de *Além do Bem e do Mal*. Nesta passagem, ainda dentro de uma espécie de argumentação metodológica sobre o problema da interpretação, Nietzsche critica a *leitura* do mundo feita pelos físicos ao verem neste mesmo mundo “leis da natureza” onde, na verdade, elas não existiriam. Neste ponto, ao se referir a

¹ Como também no caso de uma “arte da interpretação” ser “exagerada” ou “artificial” como nos mostra MAI/HHI, §143.

² Da mesma forma que também reconhece que seja da “essência” do interpretar: “violentar, ajustar, abreviar, omitir, preencher, imaginar, falsear”, etc.; GM/GM, III, §24.

³ Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm. **Wörterbuchnetz**. Disponível em: http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=DWB&lemid=GA07881

⁴ GOETHE-WOERTERCH. **Woertchunetz**. Disponível em: http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=GWB&lemid=JA05503

interpretação feita por tais físicos Nietzsche usa o termo *Ausdeutung* e ainda define essa “péssima ‘filologia’” como “uma arrumação e distorção de sentido ingenuamente humanitária” (JGB/BM, §22). O fato é que se a nuance jurídica do sentido etimológico é aqui considerada, a crítica de Nietzsche pode ser interpretada como uma espécie de denuncia ao aspecto moral desse tipo de interpretação dos físicos que poderia soar como uma “defesa moral” de determinada visão de mundo. Mais adiante no texto, Nietzsche retoma a crítica, mas introduzindo já o termo *Interpretation* para aquele mesmo modo de “ler” o mundo realizado pelos físicos. E, por fim, ao termino do aforismo após contrapor esse tipo de interpretação dos físicos, o filósofo alemão supõe a contrapartida argumentativa de “um interprete” com “intenção e arte de interpretação opostas” pela qual esse mundo fosse interpretado, conseqüentemente, sem leis, de um modo que “faltassem absolutamente leis” (Ibidem). Ainda aqui, Nietzsche introduz novamente *Interpretation*. A partir dessas variações no uso dos termos no interior de um mesmo texto, no caso um aforismo, sem a menor explicação dos motivos das variações, a pergunta que o leitor parece ser levado a fazer é: será que de fato usar *Ausdeutung* no início e depois misturar o sentido com *Interpretation* a um sentido oposto não aponta um descuido ou uma contradição no texto de Nietzsche? Somos levados a interpretar este apontamento de forma negativa, uma vez que analisamos o uso *estratégico* destas variações aludido pela inserção das vozes na narrativa do texto até o fim, isto é, uma vez que o *conteúdo semântico* parece “amarrado” à *forma*. Primeiro “Nietzsche” – muito semelhante a “voz” do “sr. Nietzsche” do prólogo de *A Gaia Ciência* (FW/GC, “Prólogo”, §2) –, se coloca como personagem crítico: “perdoem este velho filólogo” e então faz a crítica. Em seguida, destaca que aquela interpretação, embora *péssima*, também seria ainda uma “interpretação”. Neste ponto, distanciando-se de uma certa exigência de verdade de seu ponto de vista, Nietzsche coloca o argumento oposto ao dos físicos na boca de um suposto “interprete” sem identificá-lo: um alguém qualquer; sabendo como esta última interpretação também poderia ser objetada pelo leitor, como inclusive Nietzsche alude, o filósofo brinca com o fato terminando o aforismo: “e vocês se apressarão em objetar isso, não? – bem, tanto melhor!”. As sutilezas desse jogo argumentativo, sem dúvida, complementado pelas variações dos termos, parecem ser compreendidas em português na medida em que se leva em consideração as variações e implicações dos usos diferenciados na amplitude dos argumentos. A consequência

negativa ou que não amplia tanto a compreensão do texto pode ser exemplificada ao conferir o tratamento feito pelo tradutor: tanto *Ausdeutung* como *Interpretation* são traduzidos como “interpretação” e não há sequer uma nota destacando tais variações. Portanto, mesmo que supostamente a alternância de termos indique problemas ou “contradições”, a hipótese que sustentamos, a partir desse exemplo, é de que em muitos de seus textos, principalmente os publicados, Nietzsche *articula, instrumentaliza, brinca, simula*, elementos linguísticos no intuito de causar efetivamente efeitos multiplicadores para o pensamento. Tentamos legitimar tal hipótese a partir da base filológica de Nietzsche (que sem dúvida fornece ferramentas precisas para conhecer e mobilizar signos), a autocompreensão da linguagem e seus limites que parece perpassar toda a obra e, principalmente a partir do uso material e expressivo da linguagem num âmbito experimental (pluralidade de formas e formato dos textos: dissertação, aforismo, poesia, diálogos, anedotas, etc.). É neste sentido que procuramos interpretar a variação precisa destes termos no texto mencionado como uma instrumentalização intencional para destaque de nuances e deslocamentos de sentido no âmbito de compreender o que poderia ser uma “interpretação”: *Ausdeutung* parece um problema aos olhos de Nietzsche por se expressar no fundo como “defesa” jurídica dos “preconceitos dos filósofos” batizados como “verdades”⁵, como se ao invés de filósofos eles fossem, de fato, “advogados”⁶.

O terceiro termo é *Auslegung* que aparece em 112 menções respectivas a 93 textos, passagens, estas respectivas a 6 obras publicadas e o restante em apontamentos póstumos. O aspecto interessante encontrado nas aparições deste termo, fora o contexto em que ele aparece que já se apresenta como discussão sobre as noções de “interpretação”, é o fato de o termo ter uma forte utilização no âmbito da filologia inclusive como atribuição de uma espécie de interpretação hermenêutica ou compreensão adequada de um texto literário. Esta atribuição é muito importante ao considerar o modo como Nietzsche compreende o que ele chama de “arte de interpretação” que está diretamente ligado a sua compreensão da “filologia”: filologia como *ἐφεξις*, isto é, a “arte de ler bem [...] sem perder a cautela, paciência, finura, no anseio de compreensão” (AC/AC, §52), uma espécie de “suspensão” precisa e imediata do pensamento no exercício de ler. Em várias passagens em que *Auslegung* aparece,

⁵ “eles são todos advogados que não querem ser chamados assim, e na maioria defensores manhosos de seus preconceitos, que batizam de ‘verdade’”; JGB/BM, §5.

⁶ O termo usado no original é *Advokaten*; JGB/BM, §5.

mesmo no sentido de uma crítica, esse mesmo âmbito da filologia num sentido de um *procedimento de leitura* é evidente mesmo em obras *contextualmente* separadas⁷. De alguma forma é exatamente esse tipo de pressuposto filológico que, no *Crepúsculo dos Ídolos*, torna-se o aspecto “afirmativo” com o qual Nietzsche indica como poderia ser o modo de “ver” para se atingir uma espécie de “cultivo superior” através da formação cultural dos alemães: “Aprender a ver: acostumar os olhos à quietude, à paciência, a aguardar atentamente as coisas; protelar os juízos, aprender a circundar e envolver o caso singular por todos os lados” (GD/CI, “O que falta aos alemães”, §6). Esta espécie de “dedos para as nuances” parece ser o que está em jogo quando se trata de *Auslegung* em que se exige uma “sutileza na interpretação” (JGB/BM, §27) para conceber tal *procedimento de leitura* como “arte”. Ademais, o elemento fundamental associado a esse tipo de “interpretação” é exatamente a *amplitude no olhar* que acerca de todos os lados o objeto a ser analisado seja “um livro, notícias, destinos ou dados meteorológicos” (AC/AC, §52). Neste sentido, seja em contraposição as “interpretações” consideradas “ingênuas”, “artificiais” ou mesmo parciais que foram utilizadas para regulação de determinados âmbitos como a “interpretação cristã do existir” (JGB/BM, §59), seja como proposta “metodológica” de “como” poderia ser “uma interpretação” *menos falsa*, Nietzsche parece sugerir num de seus textos como haveria de ser este *procedimento interpretativo* ligado a noção de *Auslegung* na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*.

No prólogo da *Genealogia da Moral*, Nietzsche oferece ao leitor a descrição básica do *procedimento de execução* que deve ser considerado em particular para a terceira dissertação: a dissertação seria apenas um comentário (GM/GM, “Prólogo”, §8) do aforismo que a precede. Vale destacar que, neste contexto do prólogo, o termo utilizado por Nietzsche para “interpretação” é *Auslegung* e, o filósofo ainda enfatiza o fato de que a “prática desse modo de leitura” se apresenta como uma “arte”. Vejamos como tal procedimento se desdobra e qual a ligação existente entre os elementos do aforismo e os elementos da dissertação enquanto “comentário” daquele.

O título da terceira dissertação é “O que significam ideais ascéticos?”. Analisando inicialmente este título com a amplitude do conteúdo central da dissertação, isto é, do tema desdobrado ao longo das seções, aparentemente há uma disparidade

⁷ Como é o caso das passagens de *Aurora* e *O Anticristo* que se seguem: “interpretação de uma passagem da Bíblia” (M/AA, §84) e “interpretação de despudorado arbítrio” (AC/AC, §52).

entre *título, aforismo e conteúdo da dissertação*. De modo geral, o início da dissertação e o fim são conduzidos e “amarrados” pelo mote “o homem prefere o nada, a nada querer” (GM/GM, III, §§1 e 28). Do começo ao fim, o que se apresenta na dissertação é uma crítica ao “ideal ascético” mostrando como suas diversas *nuances* e graus de importância apontam para o mote central da crítica à vontade humana dessa espécie de *horror vacui*, ou seja, as diversas facetas do *ideal ascético* apresentadas e criticadas por Nietzsche, demonstram apenas este “horror ao vácuo” da vontade humana e de como, contraditoriamente, o homem ainda prefere “alguma coisa”, inclusive o “vazio”, do que viver sem um objetivo, de “não querer nada” (GM/GM, III, §1). Esse quadro se associa perfeitamente à ideia do conteúdo sugerido pelo título “O que significam os ideais ascéticos?” ambos, título e desdobramento do conteúdo se ligam perfeitamente em “clareza e distinção”. O problema que dificulta a análise e coloca o procedimento nietzschiano do *Auslegung* como algo de enigmático é a inserção do aforismo no início do qual a dissertação supostamente será um comentário. O aforismo colocado antes da dissertação faz parte de uma seção de *Assim Falou Zarathustra*. Esta seção do livro primeiro compreende exatamente a descrição dos “procedimentos” do *ler e escrever* como o título indica (*Vom Lesen und Schreiben*). O trecho é o período completo do décimo quarto parágrafo que, com exceção da argumentação acerca da leitura e escrita, discorre sobre o problema fundamental da “dificuldade de suportar a vida” e o “distanciamento” em relação às “tragédias e a comédia da vida” (Za/ZA, I, “Do ler e escrever”). Ao aproximarmos este contexto do título e do desdobramento do conteúdo da terceira dissertação, conferimos a esses três elementos uma ordenação, na qual cada elemento se deriva do outro, ou seja, a dissertação do aforismo e o aforismo da sugestão do título. Mas o conteúdo do aforismo mesmo parece ser mais sutil e oferece problemas. O aforismo inserido no início da dissertação é o seguinte: “Corajosos, descuidados, zombeteiros, violentos – assim nos quer a sabedoria: ela é uma mulher, ela ama somente um guerreiro” (Ibidem). A primeira impressão que o conteúdo desse aforismo parece oferecer ao leitor é o de que, de fato, não é esse o conteúdo comentado na dissertação e isso sugere uma das dificuldades da “forma aforística” em que não se pode suficientemente “decifrá-la” a partir da simples “leitura” (GM/GM, “Prólogo”, §8). No entanto, para um devido recuo metodológico, tal como nos indica Nietzsche no processo de *leitura filológica*, temos que, por um lado, considerar uma das ressalvas que o próprio autor faz ao procedimento no prólogo: “supondo-se – e eu suponho – que se

tenha lido minhas obras anteriores, com alguma aplicação na leitura”. Por outro lado, temos que reconhecer que um dos elementos disso que o autor chama de *Auslegung* se dá a partir de uma delicada “cautela, paciência e finura, no anseio de compreensão” para não “falsear” os fatos com “a interpretação” (AC/AC, §52). Assim procedendo, podemos notar que, mais do que um simples “comentário” do aforismo, a dissertação aparece como o desdobramento do ideal a ser superado, um diagnóstico crítico de um problema, uma vez que o pressuposto de uma *valentia* frente ao conhecimento sugerido pelas palavras do aforismo é incompatível com a predominância do “ideal ascético”. Neste sentido, o suposto “comentário” indicado no prólogo da *Genealogia da moral*, apresenta-se segundo *nosso* modo de ver, também carregado de nuance de significação, não significando apenas comentário enquanto “esclarecimento”, mas, sobretudo, já apresenta o aspecto propositivo da crítica a ser desdobrada: pressupondo a crítica ao ideal acético, o aforismo bastaria para a compreensão sem qualquer comentário. O problema fundamental para legitimar esta hipótese e torná-la plausível é o fato de este procedimento só aparecer nesse texto específico (*Genealogia da Moral*) e numa parte específica (terceira dissertação). A junção de *aforismo* e *dissertação* fazendo parte de um só complexo textual não é mais efetivada na obra nietzscheana como exemplificação do procedimento que o autor denomina “interpretação”. Em função disso, cumpre destacar o caráter *experimental* deste procedimento que, todavia, de modo algum parece servir como uma “regra geral” para estabelecimento de um método de leitura e interpretação definitivos para a análise de suas obras e outros textos.

Referências Bibliográficas

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido em: 11/06/2012 – Received in: 06/11/2012

Aprovado em: 26/06/2012 – Approved in: 06/26/2012